

LAZER, PESQUISA E INTERDISCIPLINARIDADE: ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DO CONTEXTO ATUAL DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Recebido em: 13/11/2011

Aceito em: 30/04/2012

Walter Ernesto Ude Marques¹

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: Trata-se de uma palestra desenvolvida no XII Seminário "O Lazer em Debate", na qual se abordou a relação entre Lazer, Pesquisa e Interdisciplinaridade, no contexto atual das produções acadêmicas. Nesse sentido, se questionou os critérios adotados para a avaliação dos trabalhos científicos, dentro do modelo que vigora entre a maioria das universidades, os quais priorizam aspectos quantitativos e produtivistas em detrimento da qualidade da sua produção. Diante do tempo exíguo para a realização das pesquisas nos cursos de pós-graduação, principalmente no nível de mestrado, tem se produzido trabalhos mais descritivos do que analíticos e interpretativos, sem possibilidade de intervenções pertinentes na realidade social. No campo de estudos do lazer, essa premissa se torna mais complicada, considerando sua interface com a cultura, e a necessidade do desenvolvimento de estudos antropológicos. A inter e a transdisciplinaridade comparecem como possibilidades necessárias para o enfrentamento da complexidade das atividades que envolvem o contexto de estudos acerca do lazer. Todavia, perante a uma perspectiva hegemônica que impõe leituras simplificadas e ágeis diante da realidade pesquisada corre-se o risco de produzir pesquisas pouco aprofundadas. Frente a isso, a discussão deste artigo problematiza a concepção de ciência que se vem construindo, nos últimos tempos, e a qualidade do conhecimento produzido diante das pressões do atual sistema de avaliação das universidades brasileiras.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Pesquisa. Pesquisa Interdisciplinar.

LEISURE, RESEARCH AND INTERDISCIPLINARITY: SOME REFLECTIONS ON THE CURRENT CONTEXT OF ACADEMIC PRODUCTIONS

ABSTRACT: This is developed in a lecture XII Seminar "Leisure in Debate," in which it addressed the relationship between Leisure, Research and Interdisciplinarity in the current context of academic productions. Hence, if we questioned the criteria used for evaluation of scientific work within the model that exists between most universities,

¹ Professor Associado da Faculdade de Educação e do Curso de pós-graduação Interdisciplinar em Lazer da Escola de Educação Física da UFMG; membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas do Pensamento Complexo – NEPPCOM.

which prioritize and quantitative aspects productivist over quality of its production. Given the short time available to carry out research in graduate courses, mainly at the Masters, has produced works more descriptive than analytical and interpretative without the possibility of relevant interventions in social reality. In the field of leisure studies, this premise becomes more complicated, considering its interface with the culture and the need for the development of anthropological studies. The inter-and transdisciplinary possibilities appear as needed to address the complexity of activities involving studies on the context of leisure. However, given the hegemonic perspective that imposes a simplified and quick readings on the researched reality runs the risk of producing some in-depth research. Given this, the discussion of this article discusses the concept of science that has been building in late times, and quality of knowledge produced to the pressures of the current system of evaluation of universities.

KEYWORDS: Leisure Activities. Research. Interdisciplinary Research.

Este artigo é resultante da minha participação no XII Seminário "O Lazer em Debate", realizado na Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH, da Universidade de São Paulo - USP, para o qual fui convidado para proferir a Conferência Final, tendo como debatedor o professor Dr. Luiz Gonzaga Godói Trigo da EACH-USP. A sua publicação foi inspirada na sugestão de colegas e estudantes do nosso Mestrado Interdisciplinar em Lazer da Escola de Educação Física da Universidade de Federal de Minas Gerais - UFMG. Sendo assim, a apresentação deste trabalho se caracteriza pela transcrição da minha fala, procedida pela mestrandia Iara Félix Viana. Diante disso, faço algumas adaptações para tentar facilitar a compreensão do leitor, tal como se observa no relato que se segue.

Inicialmente agradeço o convite da organização, e digo: Confesso que, para mim foi uma surpresa receber a indicação para a palestra conclusiva do evento, apesar de acreditar que não concluímos nada na vida. É uma honra estar aqui, e é a primeira vez que eu participo deste evento. Como foi dito, trabalho com psicologia social e sou professor da Faculdade de Educação da UFMG e do Mestrado interdisciplinar em Lazer, na Escola de Educação Física - UFMG, também sou membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas do Pensamento Complexo – NEPPCOM. Desse modo, a

epistemologia da complexidade vai fundamentar muito a minha fala. Além disso, tenho tentado levar para a discussão do nosso mestrado a teoria histórico-cultural.

Entendo que o lazer representa uma atividade complexa e multidimensional que implica diversos fatores. Ouvindo as falas anteriores em outras mesas do evento que trataram de políticas públicas, como também olhando os pôsteres e as comunicações orais, percebi uma diversidade de temáticas que revela a complexidade dessa atividade - o lazer. Ouvi também distintos conceitos, tais como: ócio, recreação, lazer, divertimento. Parece que ainda não se tem um consenso acerca do conceito. Todavia, esse problema é próprio da ciência; ou seja, não conseguir, às vezes, uma conceituação convergente, na comunidade científica, que represente o fenômeno.

Porém, ao reconhecer a complexidade do lazer, me indica que o tema diversão/divertimento, faz muito sentido porque apresenta este olhar para uma atividade que diverge, uma ação divergente que inclui a diversidade. É claro que o divertimento pode ser apropriado pelo capitalismo que, de certa forma, tenta impingir uma dimensão homogeneizante e linear, como é característico desse sistema. Dessa maneira, a minha fala não tem nenhuma pretensão de instaurar certezas, mas sim de enfrentar as incertezas.

Tenho tentado discutir com os estudantes da pós-graduação essa perspectiva complexa de se observar o lazer que, por ser um tema multidimensional, precisa ser enfrentando na sua complexidade. Desse modo, a interdisciplinaridade aparece como uma possibilidade teórico-metodológica para discutir essa temática.

Como foi observado num debate anterior, ainda se vê uma grande dificuldade na articulação das políticas públicas, no que tange ao entendimento das políticas intersetoriais no campo do lazer. Nesse aspecto, aprecio uma idéia de Morin (1996) que

aponta que não basta reformar as instituições, mas que também temos que reformar o pensamento das pessoas.

Escutamos muitos discursos que defendem uma gestão democrática e participativa, bem como uma ciência aberta e policêntrica; porém na prática percebemos que muitos pesquisadores adotam metodologias tradicionais, positivistas, lineares e mecânicas. Presenciamos grandes contradições também num discurso de uma pretensa ciência dialética que adota metodologias lineares.

E hoje, pressionados pela CAPES², numa perspectiva extremamente produtivista/quantitativa, fica evidente que esta possibilidade inventiva e criativa da pesquisa de enfrentar o fenômeno na sua complexidade se torna reduzida diante da riqueza dos temas estudados no campo do lazer. Na minha experiência, a qual perpassa pela psicologia social, dialogando com o lazer, observo que a maioria das investigações que temos por lá possui um caráter etnográfico muito forte e sabemos que, para você realizar um estudo etnográfico, pressionados por um tempo exíguo, fica muito difícil desenvolver essa metodologia dentro de um rigor científico. Frente a isso, acaba-se produzindo estudos mais simplificados e, muitas vezes, superficiais, não criando possibilidades de interpretação de um trabalho hermenêutico mais aprofundado.

Além disso, sinto um incomodo diante dos textos que tratam do lazer, já que é recorrente a utilização das categorias *sentido* e *significado* sem uma conceituação desses termos, entre a maioria dos autores, pois não identifico o que eles estão chamando de sentido ou significado, que concepção teórica eles estão utilizando para compreender o sentido e o significado do lazer.

Na teoria histórico-cultural inaugurada pelo pensador soviético L. S. Vygotsky (1896-1934), o sentido e o significado apresentam uma perspectiva histórica e cultural

² CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

na qual o sentido e o significado advêm da subjetividade do sujeito, uma subjetividade que entrelaça o pessoal e o social. Para tanto o significado apresenta uma dimensão coletiva construída na coletividade; e o sentido representa uma possibilidade do sujeito, na sua singularidade, de produzir uma forma própria de expressar este significado. Sendo assim, para se estabelecer um diálogo entre lazer, subjetividade, sentido e significado não constitui algo simplificado e mecânico que a gente possa produzir num trabalho científico com um tempo tão restrito. Portanto, me preocupa muito essa perspectiva atual de produção acadêmica tão marcada por esse produtivismo contemporâneo.

Dessa maneira, principalmente no âmbito do mestrado, nós corremos o risco de realizar pesquisas apenas descritivas, sem produzir uma análise e uma interpretação mais aprofundadas. No nosso caso, que temos o compromisso de compreender o lazer, um tema ainda relativamente recente na história da ciência, e que comparece em várias atividades humanas, torna-se necessário desenvolver discussões mais pertinentes em relação aos sentidos e significados do lazer, bem como acerca da sua multidimensionalidade, da sua diversidade, e da sua complexidade.

Nesse ponto, entendo o lazer como uma atividade complexa que tensiona o trabalho, já que, ao mesmo tempo, o complementa e o antagoniza, e vice versa. Recordo-me de uma conversa com uma professora de um curso de pós-graduação que respeito muito, a qual realiza pesquisas sobre o mundo do trabalho. Durante nossa conversa, ela me perguntou: Por onde você anda? Eu respondi: Eu estou trabalhando no Mestrado em Lazer. Diante disso, na sua perspectiva assumidamente marxista, me disse: “Eu só consigo pensar o lazer a partir do trabalho”. Com base nesta fala, eu disse: Eu não trabalho com o pensamento hierárquico.

Esse tipo de pensamento hierárquico que coloca o trabalho como uma categoria acima das demais, como uma categoria fundante do ser humano; é o tipo de pensamento que não se compartilha quando se trabalha com a epistemologia da complexidade. Porque nenhuma atividade humana é absoluta, já que ela dialoga com outras perspectivas humanas complexas, como salienta Morin (2000, p.51), o ser humano é bioantropsicossocial. Ou seja, ele é biológico, cultural, psíquico, social, e tudo isso se entrelaça de maneira interdependente, produzindo sentidos e significados distintos.

Sendo assim, pesquisar o lazer numa perspectiva interdisciplinar e também transdisciplinar representa uma exigência do próprio lazer. Não é algo simplificado. Dessa maneira, deparamos recorrentemente com essa exigência no trabalho empírico frente ao desafio da pesquisa no campo da diversão, do ócio e do lazer.

Nesse sentido, durante a orientação de mestrado do estudante Túlio Campos, o qual já defendeu sua dissertação sobre trabalho infantil nos semáforos da cidade, na atividade dos "malabares", uma criança disse para ele o seguinte: "Eu estou aqui trabalhando pra comprar a chuteira da escolinha do meu futebol". Frente a essas intercorrências se torna muito difícil definir a fronteira entre lazer e trabalho. Penso que são essas tensões que necessitamos enfrentar.

Quando vou para o meu sítio, por exemplo, eu trabalho muito, e inclusive utilizo ferramentas pesadas como enxada, foice, etc., mas eu entendo esse momento como algo altamente prazeroso, mesmo estando fisicamente cansado e suado, representa um momento no qual me sinto mais livre. Isso encontra ressonância num princípio da complexidade que diz, mais ou menos, o seguinte: Devemos distinguir as coisas, mas jamais separar, pois se você separa não conseguirá ver as conexões de uma coisa com outra. De acordo com Morin (1996, p.333), esse operador se traduz da seguinte forma:

Princípio de distinção, mas não de separação, entre o objeto ou o ser e seu ambiente. O conhecimento de toda organização física exige o conhecimento de suas interações com seu ambiente. O conhecimento de toda organização biológica exige o conhecimento de suas interações com seu ecossistema.

Todavia, viemos de uma tradição de uma ciência disjuntiva, separatista, exclusivista que é a ciência clássica, muito afetada pelo pensamento positivista que coloca categorias a priori para determinar um resultado a posteriori.

O que eu provoço nos meus orientandos e nos meus estudantes de metodologia científica é que eles sejam inventivos, que eles sejam autores, pois a teoria não é o conhecimento, como coloca Morin (1996, p.335), ela possibilita o conhecimento. A teoria não é a realidade, a teoria é uma aproximação da realidade.

Ao ir para o campo de estudos, buscamos questionar a teoria, por meio do contexto investigado, para a teoria questionar o campo. Sendo assim, todo sujeito que vai para o campo de pesquisa, irá realizar um diálogo que lhe é peculiar. Ele irá construir um conhecimento nesse diálogo que se dá entre o sujeito pesquisado, a teoria e a própria construção do pesquisador.

Então essa possibilidade inventiva da pesquisa, a qual o lazer possibilita imensamente, penso que devemos fortalecê-la e dar-lhe vazão. Por outro lado, formar pesquisadores interdisciplinares e transdisciplinares não é tarefa fácil diante do paradigma dominante, o qual é marcado por um modelo eurocêntrico e estadunidense.

Nesse ponto, gostaria de ilustrar que faço parte da Congregação da Faculdade de Educação, e num dia desses, um docente colega de trabalho disse numa reunião que “o professor tem que sair da sala de aula, ele tem que se tornar um pesquisador porque se ele sair do laboratório, não terá como concorrer com os pesquisadores da Europa e dos Estados Unidos”. Percebo que é este o modelo que está posto, retratando uma pesquisa desvinculada da nossa realidade e do nosso contexto.

Entendo que estamos pesquisando o lazer da nossa cultura, na nossa realidade, no nosso país. A professora Christianne Luce Gomes, docente do nosso mestrado na UFMG, tem se empenhado em levantar produções bibliográficas na América Latina voltadas para o lazer. Essa atitude, no meu modo de ver, é muito pertinente, porque é incrível o colonialismo intelectual no nosso país (LANDER, 2003).

Nesse aspecto, a exemplo cito um livro intitulado O silêncio dos intelectuais (NOVAES, 2006), no qual Marilena Chauí participa e revela situações impressionantes, como, por exemplo, quando aponta que uma pessoa que se diz marxista e cobra produtivismo por meio de um discurso neoliberal. Isso não condiz com o marxismo original, já que representa uma perspectiva altamente capitalista. Além de ter a Europa e os EUA como centro hegemônico de produção acadêmica.

Sendo assim, nós que estamos comprometidos com os estudos culturais vinculados ao lazer, ócio, recreação e divertimento, dentro da nossa realidade, não podemos nos submeter a isso.

Pensem bem, eu sou capoeirista, estou orientando dois capoeiristas, fazendo pesquisa em relação à capoeira que é uma atividade cultural contrahegemônica, principalmente a Capoeira Angola que surgiu para questionar a modernidade. Então pergunto: Eu vou entrar no paradigma colonial para entender uma atividade dessas? Seria um contrasenso enorme.

Acredito que, para pensar a pesquisa hoje, temos que enfrentar essa discussão, mesmo sabendo que muita gente não queira encarar isso, ou não queira falar disso. Mas penso diferente, é de fundamental importância perceber o rumo que nossas produções acadêmicas estão tomando.

Então, retornando aos conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, não encontramos um consenso nas produções acadêmicas. Já orientei uma aluna na

Faculdade de Educação que produziu uma monografia intitulada Educadores Transdisciplinares. Nossa idéia era encontrar uma escola com educadores transdisciplinares. Mas não foi encontrado um consenso entre os clássicos como Morin, Maturana, Nicolescu, Ivani Fazenda, dentre outros.

Dessa forma, é preferível o conceito de interdisciplinaridade do que o de multidisciplinaridade porque fica entendido que *multi* são múltiplas disciplinas atuando juntas mas que não interagem entre si. Sendo assim, é mais adequada a idéia de *inter* que representa diversas disciplinas atuando conjuntamente de forma dialógica; ou seja, de forma complementar e antagônica. Já a categoria *transdisciplinar* como coloca Nicolescu (2000) significa ir além e através, seria um olhar integrador que organiza múltiplas perspectivas.

Entretanto falar de interdisciplinaridade não significa negar a disciplina. Pelo contrário, como aponta Pedro Demo (2001), somos contra os especialistas, mas não somos contra a especialidade. Nesse ponto, o que comprometeu, na minha visão, o trabalho intersetorial, interdisciplinar e transdisciplinar, foi à formação especialista e tecnicista dos profissionais. E o que seria esse especialista? É aquele que isola a parte do todo e acredita que sabe tudo de nada. Então representa um pensamento fragmentado e simplificador que não vê fronteiras no seu campo de estudos com os demais, e isso é terrível.

No campo da educação, vejo isso presente na escola. Uma demasiada escolarização da escola, pensada de forma isolada, com suas disciplinas pensadas isoladamente, o conteúdo escolar pensado sem conexão com a vida do estudante, não havendo interlocução, não havendo aprendizagem.

Nesse aspecto, hoje, as pessoas enfrentam a violência se isolando nos condomínios de luxo, os quais são prisões de luxo, em carros blindados, com cerca

elétrica. Isso só contribui para o aumento da violência. Esses apontamentos demonstram equívocos de uma perspectiva isolacionista.

Orientei uma pesquisa no meu próprio departamento a título de provocação, com a seguinte indagação: *Neste departamento encontramos professores interdisciplinares?* Diante dessa pergunta, a conclusão do estudo foi a seguinte: a maioria dos professores do meu departamento que trata das Ciências Aplicadas à Educação, como filosofia da educação, psicologia da educação, sociologia da educação, metodologia e antropologia da educação, apresentam conceitos relevantes acerca da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade. Todavia, houve uma queixa recorrente dos professores pesquisados - a organização do trabalho acadêmico, hoje, impossibilita ou dificulta a execução ou a configuração de um trabalho interdisciplinar. Nesse contexto, se observou que os professores estão pressionados pelo produtivismo e isolados no seu gabinete. Frente a isso conseguem, em alguns momentos, diálogos mais inter e transdisciplinares nos seus núcleos de estudos, nos laboratórios e nos observatórios.

Penso que a universidade do futuro será transdisciplinar. O isolamento não produz conhecimento pertinente, não produz conhecimento contextual. Sobre isso, o professor Pedro Demo (2002, p.9) indica que: “O sociólogo que só sabe sociologia, certamente, o que menos sabe é sociologia, pois sequer manifesta mínima autocrítica de que sociologia não passa de um olhar”. Inspirado nessa idéia, eu costumo dizer sempre, na Faculdade de Educação, que o pedagogo que só estuda escola, o que menos entende é de escola. Sendo assim, temos que ficar atentos, porque podemos cair na armadilha da hiperespecialização do lazer, do ócio ou do divertimento.

Por outro lado, penso que nosso mestrado interdisciplinar pode trazer uma perspectiva inovadora, mais ampliada, mais contextualizada. Desse modo, foi muito rico pra mim ao ser convidado para trabalhar no corpo docente do mestrado em lazer,

vindo da educação, vindo da psicologia social, pois tenho aprendido acerca da definição do lazer, da recreação e do divertimento. Nesse aspecto, acredito que as perspectivas da complexidade e da teoria histórico cultural podem contribuir para a discussão dessas temáticas no curso de pós-graduação.

Todavia, o exercício de pensar interdisciplinar, no contexto que vivemos, não representa tarefa fácil. Percebemos que estamos na contramão, já que se observa uma dificuldade de diálogo entre as áreas, pois identificamos pessoas tentando criar grupos hegemônicos, que buscam impingir uma única forma de produzir ciência. E quando ouvimos que o grande pesquisador é aquele que publica na revista Qualis A, que um paper nos EUA vale mais que um livro sobre a Capoeira Angola no Brasil, a qual representa uma atividade cultural extremamente relevante, pois trata da história do nosso povo, fico muito preocupado e, ao mesmo tempo, decepcionado com esses critérios.

Sabemos que alguns colegas nossos legitimam esse tipo de visão, que nos pressiona a produzir pesquisas dessa forma. Nesse sentido, entendo que a ciência passa por três momentos distintos e não separados: 1) O primeiro momento é a descrição do fenômeno; 2) O segundo momento é a compreensão do fenômeno (que tem muito a ver com a percepção do pesquisador diante do fenômeno) juntamente com a explicação que é a sistematização da observação do fenômeno; e 3) E o terceiro nível, é a intervenção.

A preocupação hoje, a partir do modelo que estamos adotando nas pesquisas, em função da pressão da CAPES e da pressão internacional em relação às nossas produções, é de que se fique apenas no nível descritivo, não alcançando um nível explicativo, tão pouco um nível capaz de promover transformações sociais mais profundas e de promover intervenção. Em suma, se descreve porque se produz um *paper* que se considera suficiente.

Nesse sentido, há pouco tempo fui participar de uma banca de mestrado numa escola de medicina referente a uma dissertação sobre Trabalho Infantil, na qual a mestranda apresentou um artigo de 20 páginas, cheio de gráficos. Poderia ser considerado um bom trabalho com 20 páginas? Talvez possa, mas me recordo do meu mestrado e sei o quanto foi trabalhoso. É claro que a quantidade não é a principal questão aqui levantada, porém, nesse caso, o que recebemos na banca foi que o trabalho já estava aceito por uma revista (bem classificada) para publicação; ou seja, estava prescrito: aprove! Diante disso indago: Que tipo de qualificação? Que tipo de titulação? Que tipo de representação se está criando em relação ao conhecimento?

A origem da palavra *teoria* tem a mesma origem que a palavra *teatro*, segundo Antoni Colom (2004), um autor espanhol, a qual significa a forma como representamos a realidade. Então que tipo de representação se está construindo acerca da ciência e do conhecimento? É apenas uma questão produtivista e quantitativa? Quando ouvimos que temos que produzir palestras, orientações, publicações, etc., se observa um discurso positivista. Pessoas que afirmam trabalhar com metodologia qualitativa, constantemente verbalizam: Eu publico em revista A, publico tanto nos EUA quanto na Europa. Percebo, nisso tudo, uma contradição enorme.

Por outro lado, deixo claro que não tenho nada contra publicar na Europa ou nos EUA. O que não aceito é o fato de me obrigarem, pois sou um pensador, sou livre. Por isso, e por várias outras questões, é que trabalho com o lazer, o qual constitui algo divertido que enfrenta o diverso. Nessa perspectiva, trabalhar com a diversidade, com a diversão, com o divertimento representa trabalhar com a felicidade.

Como membro do sindicato dos professores da universidade e como um dos seus diretores, percebo níveis preocupantes de adoecimento dos nossos colegas, principalmente no aspecto psíquico, devido à sobrecarga de trabalho, à competição, ao

individualismo, e ao isolamento. Então me pergunto: Que silêncio é esse? Já que convocamos os colegas para discutir essas questões e eles não aparecem.

Nesse ponto, é curioso notar que alguns professores são pessoas que pesquisam trabalho ou estudam lazer. Frente a esses paradoxos, trago pra vocês um incômodo que é meu, mas que pode ser um incômodo também de outras pessoas, já que, além dessas contradições, se nota pessoas que escrevem sobre participação democrática, mas que não participam de nenhum movimento social. Então, que tipo de ciência se está produzindo hoje?

Eu acredito que alguns colegas da minha idade já desenvolveram uma ciência mais comprometida com os movimentos sociais, mesmo numa situação de ditadura, por meio de um conhecimento mais voltado para a construção de uma sociedade mais justa e mais solidária. De todo modo, acredito que podemos romper com essa lógica dominante atual de pensar o conhecimento.

Nesses momentos de reflexão, gosto de me remeter a uma frase do professor Pedro Demo (2004, p.14) que diz: “Porquanto, quem não sabe pensar, acredita no que pensa. Quem sabe pensar, questiona o que pensa”. Dessa forma eu entendo que o conhecimento representa um lugar da dúvida. Por isso, estou trazendo várias delas para vocês. Gostaria de compartilhar com vocês de incertezas e questionamentos fora de uma postura especialista. Nesse aspecto, avalio que o especialista possui uma mania terrível, a qual inclusive prejudicou muito o nosso povo, que é a mania de querer dar receita para as pessoas, dar respostas, decidir a vida dos indivíduos; quando na verdade, precisamos de profissionais que perguntem mais, que coloquem dúvidas e questionamentos. Quando se decide pelas pessoas gera-se uma tendência muito grande à não participação coletiva. Não foi em vão que Paulo Freire (1985) escreveu um livro intitulado

Pedagogia da Pergunta, no qual defende que o bom educador é aquele que faz perguntas.

A própria palavra “extensão”, utilizada pela universidade, apresenta essa perspectiva hegemônica; ou seja, “vou estender meu saber para vocês, povinho que não sabe nada”. Dessa forma, a própria concepção de extensão necessita ser desconstruída e ressignificada. São várias dicotomias que se observa na universidade, como a separação entre ensino, pesquisa e extensão. Nesse aspecto, conforme citado acima, quando o colega diz que professor tem que sair da sala de aula, se observa à tentativa de desvincular a pesquisa do ensino. Até hoje, nos dias atuais, ainda encontramos aquela representação de que o professor que faz extensão é um militante, e o professor que faz pesquisa é um cientista.

Já tive alguns problemas no meu departamento, ao enviar projetos que atuam na pesquisa, vinculando extensão e ensino, e deparar com visões maniqueístas e separatistas que insistem em dizer: “Não professor, ou o senhor coloca Projeto de Pesquisa ou Projeto de Extensão. Aliás, tem mais cara de extensão”. Ou seja, subentende-se que você não apresenta a metodologia de um pesquisador dentro de um panorama clássico de se fazer ciência.

São estas questões que me deixam, de certa forma, um tanto quanto frustrado e chateado. No trabalho com a educação, ao discutir com meus alunos a relação professor/estudante, conhecimento/educação, observo que os discentes apresentam questões interessantes como: Por que o professor (na nossa universidade) entra em nossa sala de aula e defende a democracia, mas não aceita ser questionado; sendo extremamente autoritário? Por que o professor que se diz construtivista fala que o sujeito é cognoscente ao construir o seu próprio conhecimento, mas quando colocamos uma

resposta diferente do que ele pensa na prova ou num trabalho de classe, ele desconsidera e desqualifica?

Enfim, são essas contradições que eu queria trazer para esse encontro. Tendo em vista o título do tema a ser abordado - a interdisciplinaridade - que de fato nos provoca a atravessar fronteiras, buscar diálogos, enfrentar os paradoxos. Quem quer acabar com os conflitos quer acabar com a vida, porque a vida é constituída de conflitos e contradições.

Dessa forma, a importância deste “encerramento” significa muito mais uma conversa, uma tentativa de estabelecer um diálogo, para que possamos perceber que tipo de concepção de pesquisa se está construindo, como estamos concebendo a atividade do lazer ao nomear de interdisciplinar a nossa proposta de pesquisa, o nosso mestrado.

Gostaria então de parar por aqui. Acredito que o título da nossa conversa, se torna um pretexto para outros textos, para a construção de uma tessitura diferente. Enfim, não consigo conceber o lazer sem adotar uma perspectiva inter e transdisciplinar, por considerar o lazer como uma atividade ontológica do ser humano que traz a sua multidimensionalidade. O lazer é histórico, cultural, social, psíquico, biológico, econômico e ecológico. Não é por acaso que temos diversos pesquisadores investigando a questão do lazer na sua dimensão ecológica. Para tanto, devemos enfrentar o lazer na sua complexidade. Então gostaria de agradecer, mais uma vez, o convite e espero que futuramente tenhamos outros diálogos.

REFERÊNCIAS

COLOM, Antoni. **A (des)construção do conhecimento pedagógico: novas perspectivas para a educação.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

DEMO, Pedro. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos.** Brasília: Editora Líber Livro, 2004.

_____. **Complexidade e Aprendizagem:** a dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Conhecimento Moderno.** Sobre ética e intervenção do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. *Por um a Pedagogia da Pergunta*/Paulo Freire, Antonio Laundez. – Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LANDER, Edgardo (Comp.). **La colonialidad del saber:** eurocentrismo y ciências sociales – perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 2003.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

NICOLESCU, Basarab. **Educação e Transdisciplinaridade.** Brasília: UNESCO, 2000.

NOVAES, Adauto (Org.). **O silêncio dos intelectuais.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Endereço do Autor:

Walter Ernesto Marques Ude
Faculdade de Educação da UFMG
Av. Pres. Antonio Carlos 6627 - Pampulha
Belo Horizonte – MG - 31270-901
Endereço Eletrônico: walterude@fae.ufmg.br